

Bourbon, França. 1349

Desde o alvorecer não se via a duquesa no pátio do castelo. O *prévôt* de Moulins, que tinha outros compromissos a cumprir até ao meio dia, chegou cedo da campina pensando que conseguiria mais facilmente uma audiência. Deparou-se com o capelão, iniciou uma frase e foi ignorado. O clérigo voltou célere para o quarto do duque tão logo arrumou a garrafa de mel que procurava; sem cerimônia, forçou a porta emperrada.

A guerra contra os holandeses já estava nos fins. O respeitado e velho duque Willem III d'Avesnes faleceu com muitos filhos e a disputa sucessória não tardou. Jaques de Bourbon, neto de Willem III por via feminina, reclamava agora no campo de batalha seus direitos de herança contra Herman d'Avesnes, o sucessor legítimo.

Naturalmente, o estreito paralelo com a crise de sucessão do próprio Reino da França gerou certo desconforto na corte dos Bourbon. Uma mulher servira de desculpa para as investidas do Rei da Inglaterra, da mesma forma que a mãe de Jaques lhe servia.

Margareta Reginar, a duquesa, não se surpreendeu com a entrada abrupta do capelão. Ela também servia ao marido, ainda que *doutra forma*.

-Ele cuspiu de novo, madame?

-Está seca, a garganta... Passe o mel no cantinho da boca.

-Acho que o clínico está equivocado, madame. Deveríamos dar água.

-E quem tem panos o bastante, Drugeth? A cada meio copo ele se molha; passe o mel logo.

O duque Jaques abriu os olhos de súbito quando a substância escorregadia tocou as feridas da comissura oral. O frescor durava segundos, ilusório que era: acordava o infeliz para contemplar a própria miséria. A essa altura, a grave enfermidade de Jaques já havia destruído sua visão e agora lhe trazia agonias respiratórias.

-Ordens!... Ordens marechal!... J'ai dit!

-Monseigneur, Monseigneur amado, deite-se, deite-se no travesseiro...

-Está tudo sobre controle, bom duque. O senhor é vitorioso.

-Vai... Diga ao Marechal... Os lobos estão no rio... No rio de... de... Monti—Monti--tus--fa!

-Olhe, Drugeth, olhe como os pulmões vão... Faz até barulho, escute....

-Está puxando com força. O clínico-

-Viu?! Soprou de uma vez... Misericórdia! Eu me arrepio, misericórdia...

-É triste, madame. Eu vi esse menino deste tamanho aqui ó, tímidozinho...

-Tanto sofrimento, para um nobre de tão bom coração... Por que, Drugeth? Olha o pé, Drugeth. Úlceras negras, úlceras fantasmas! É minha cruz, ver isso, a quem eu amei, a quem dei filhos...

-Mandei o senescal comprar uma gordura em Paris, dizem que não tem melhor pra cicatrizar.

Pausa. Ouve-se o inspirar de Jaques de forma sinistramente clara.

-E o óleo normando?

-A resina de alcatrão? Já era pra ter chegado, madame. Qualquer coisa, o bispo de Souvigny tem um tio que viaja em caravanas... Trocamos uns capados na resina e ainda economizamos 30 livres.

-É verdade, meu bom confessor. E quando conseguir o óleo, encharque o armarinho atrás da cama, mas antes deixe tudo bem seco, que a umidade faz lambança.

-A pele de urso na porta, eu imagino que...

-Sim, encharque ela também.

-A porta ou a pele?

Outra pausa. Margareta não ouviu. Parecia prestes a chorar, mas a resignação lhe secava os olhos prematuramente.

-É pra encharcar a porta inteira, madame?

-Não, Drugeth, é pra passar-- quer dizer, esqueça isso, deixe o óleo comigo que eu mesma passo.

-Tem certeza? Aquilo gruda dum jeito que fica até perigoso esquentar as mãos no fogo.

-Tenho. É minha penitência.

-Acha que incomoda tanto assim, madame, o hálito de *Monseigneur*?

-E com o quê se parece, Drugeth? Perfumes de prostituta... Loções para as unhas, ingredientes de bordel! Não suporto mais uma semana...

Drugeth, que já acompanhara levas em batalha, certamente conhecia odores piores. Mas as narinas femininas, ele reconhecia, não são feitas para a fragrância da morte.

Faca cega deslizando no aço. Era na verdade a porta gemendo sob os empurrões de *prévôt* Louis. Ele finalmente conseguiu entrar, um pouco vexado por ter perturbado o pobre duque com o barulho ranzinza.

-Alteza... Conceda a seu servo algumas palavras.

-Diga, *Messire* Louis.

-É que o soldo dos besteiros está atrasado e a forragem foi toda levada para a campanha.... Eu queria saber se Vossa Alteza, como... *administradora temporária* na.. menoridade-

A duquesa levantou-se de repente.

-Não, Louis, vamos lá fora, está ventando um pouco... Porém é mais... apropriado.

Drugeth apanhou o casaco felpudo da duquesa e a seguiu para fora do quarto. Desceram a escada de madeira espessa, que o

desafortunado irmão mais velho de Jaques encomendara da Borgonha há anos. Deram ordens para os serviçais ociosos na cozinha, impregnada com alho e salsinha. Comentaram sobre como os cavalos engordaram e do *chemin de ronde* observaram alguns caçadores que gritavam no pasto a nordeste do rio.

-Mande Simon podar aquelas ervas da torre, Drugeth.

-Aquelas ali? Mas crescem rápido demais, madame.

-Dá má impressão deixar assim. As pedras já estão pastosas de musgo; pelo menos os quadradinhos eu quero ver limpos.

-Os merlões, você quer dizer? Vou mandar o Simon dar um jeito.

-E também troque a bandeira, a que está rasgada na pontinha, está vendo, olha lá... Viu?

-Pano azul?

-Use o pano vermelho, que meu bom pai *le duc de Brabant* me presentou. Está guardado há tanto tempo, é hora de usar... Sabia que veio da Champanha, Drugeth?

-Deve ser caro.

-Não é nenhuma Auriflama da França, mas com certeza meu pai pagou caro.

Prévôt Louis já estava impaciente. Estavam agora no pátio, perto do abrigo onde o corcel do duque bebia água. Esquentavam as mãos num braseiro.

-Alteza, sei que dói dizê-lo, mas todos os nobres já dão o duque como morto. E os herdeiros ainda são menores de idade. Francamente, temo que a regência caia em mãos perigosas... ou pior, nas mãos de Chatenois!

A duquesa e Drugeth se entreolharam com um sorriso sem cor.

-Não se preocupe, humilde Louis. Henri Chatenois está golpeando escudos nos pântanos holandeses e só tem notícias do que acontece em Bourbon com mais de um mês de atraso.

-Além disso, Chatenois não tem direito à regência, *prévôt*. Jamais conseguirá provar qualquer parentesco com o duque, e há precedente para as regentes mulheres na França.

Jean Drugeth, homem de pouco estudo, tinha apenas um único exemplo em mente, mas era um exemplo suficiente: a mãe de São Luís, o ancestral dos Bourbon.

-É claro que há, nobre Drugeth. Mas eu sei o que aquele imundo vai alegar. Nosso pobre duque havia designado o bispo de Gueret como regente há anos, mas de lá pra cá...

-Sim, ouvi dizer que Enguerrand ficou caduco.

-Muito caduco, madame. Ele não se lembra de qual é a moeda do Reino, quem dirá de que ele é o mordomo-mor do ducado e regente.

-E você pensa que Henri usará isso para disputar a regência de madame duquesa, *prévôt*?

-Tenho certeza, capelão. E não duvido que os nobres da terra concordem com ele.

-Repito que não se preocupe, Louis. Essa noite meu bom esposo irá me designar regente e você estará a salvo de qualquer vingança de *Messire* Henri.

O *prévôt* de Moulins ajoelhou-se e beijou o anel da duquesa. Como o joelho doesse por causa do chão rústico do pátio, Louis levantou-se rápido. Uns cinco pássaros cruzaram o castelo e o preguiçoso pastor alemão do castelo latiu.

-Agora, Alteza, poderia ordenar ao senescal o repasse de um empréstimo de 200 livres para os burgos? O mais rápido possível? A cobrança está insuportável e sinto que essa pressão não está sendo traduzida para a coroa.

-Quando a guerra acabar, *Messire*.

-Alteza... Perdoe-me, mas até lá, com que se pagará a guarnição dos castelos, das cidades e das abadias? Talvez a guerra ainda demore dois meses, cinco, um ano! Depois da Peste e da fome os

camponeses estão espertos... Se ficam sem o salário fora do período de corveia por mais de cinco missas de domingo, é algazarra armada!

-*Prévôt*, não posso conceder empréstimo algum sem consultar a Mesa do Conselho.

-E as contas do ducado estão frias igual defunto. Não há que se falar em empréstimo. As notícias da Holanda são boas; as guarnições não têm estímulo algum para motim. E os plebeus, se por ventura levarem a cabo qualquer estupidez, serão devidamente rechaçados.

-Drugeth está certo, bom Louis. Se qualquer coisa te ameaçar, arme cavalos com tua família o mais rápido para cá, pois te protegerei. Mas empréstimo, por enquanto não. Quando tudo estiver em ordem, compensaremos os burgueses pelo sacrifício.

-Sacrifício? *Messire le prévôt* sabe disto melhor do que nós, a burguesia é muito rica nessas terras!

-Pois bem, Alteza. Mas não posso voltar de mãos vazias para Moulins e meus aliados.

-O notário redigirá uma carta em nome do duque, com minha assinatura.

Foi a vez de Drugeth questionar.

-Não é perigoso fazer isso antes de oficializar a regência, madame?

-Eu já faço tudo nesse castelo, Drugeth. Mais uma competência de meu marido não me pesa. E também não se trata de uma carta pro Papa... Se tudo correr como o esperado, será só um papel esquecido na gaveta de *Messire Louis*. Vou mandar o notário alterar a data para amanhã, se é isso que incomoda.

Trotes poderosos e falas ininteligíveis se ouviram. Um soldado da torre gritou para a duquesa que um mensageiro aguardava no pé da colina. Às ordens de Margareta Reginar, o grande portão do castelo foi aberto e o pastor alemão, o dorminhoco, enxotado dali de perto.

-Quem é você, bom cavaleiro?

O homem, vestido com um brasão de leão vermelho sobre campo branco, ignorou a pergunta e voltou em tom ultrajante:

-Onde está o duque de Bourbon?

Ele repetiu algumas vezes.

-Vossa Alteza não pode atender-lhe. Sou a duquesa de Bourbon.

.-Que Deus tenha misericórdia de você, nobre senhora, portadora desta nova que lhe anuncio!

« *Em face do ilegal domínio de Bourbon sobre as terras do condado de Lusignan!*

Por direito pertencentes ao ducado de Poitou!

Monseigneur le duc de Poitou, Érrard de Saint-Gilles, declara guerra a Jaques de Bourbon! »

O mensageiro retirou de um saco amarrado à sela um falcão meio degolado, ainda sangrando, e lançou aos pés da duquesa.

A sala do Conselho. O burburinho uníssono de todas as repartições do castelo convergia para lá. Parecia que as paredes sussurravam uma frase, mas estranguladas emitiam apenas zumbido. A inesperada afronta dos vizinhos do Poitou colocou em polvorosa os serviçais, que trataram de se amontoar na *meurtrière* e espiar o mensageiro. O que faria agora a jovem duquesa?

-*Messire* Louis, é desnecessário pedir que esqueça a carta. Repelimos um inimigo às portas deste castelo há menos de um ano, e outro já apareceu. Dar-te-ei o dinheiro.

-Boa decisão, Alteza. Precisamos das guarnições mais reforçadas e leais que nunca!

-Escute, *prévôt*... Dar-te-ei o dinheiro, mas me garanta que nenhum feudo se renderá para Saint-Gilles! Ele dormirá o inverno na relva, no arraial de seu exército, mas jamais nos aposentos de meu nobre esposo. *Monseigneur le maréchal* chegará da Holanda com uma

única missão: caçar ratos. Não quero vê-lo perder tempo com armas de cerco... Não precisaremos retomar herdades legítimas se não as perdermos em primeiro lugar, não é fiel Louis?

-As guarnições não se renderão, Alteza! Nenhum infeliz do Poitou adentrará nossas cidades pelo portão da frente.

-E o notário... Ainda preciso dele.

-As honras de aliança, madame?

-Sim, bom Drugeth. Quero que você se encarregue de que *Monseigneur le duc de Majorque* e *Monseigneur le comte de Genève*, meus concunhados, recebam as cartas.

-Assim será feito, madame. Mas permita-me observar que tal decisão... tradicionalmente... depende d-

-Da Mesa do Conselho, da Mesa do Conselho... Você sempre diz coisas óbvias e irrelevantes assim, Jean Drugeth?

-Caro Louis, se sua educação de plebeu não lhe ensinou a respeitar a nobreza, não assuste se eu lhe prestar este favor. Está é a segunda vez que você disputa a sabedoria da corte, instando madame duquesa a cometer imprudências... Conseguiu o dinheiro e não se importa com mais nada.

-Se não me importasse, não estaria aqui ainda, ouvindo suas pulhas, pobre Drugeth!

-Mais uma prova de que você tem algo a mais a fazer no castelo! Acusa *Messire* Chatenois e mal disfarça os próprios planos...

-Plano? Plano, seu patife... vou te mostrar o plano no seu focinho depois que eu pisá-lo!

-Duelo aceito, miserável!

-*Messires*, por favor, já não bastam duas guerras simultâneas? Esqueceram-se da santa vida que ali acima definha? Não têm respeito?

A duquesa esperou os envolvidos engolirem em seco ou pelo menos se afastarem.

-*Prévôt* Louis realmente fez um pedido inconveniente, mas após a notícia cabe conceder-lhe o empréstimo.

-Obrigado, Alteza.

-E diante da emergência, não vejo problema em ignorar o Conselho. Jaques já fez isso, seu pai o grande Louis de Bourbon também o fez. E o que a Mesa diria, se estivesse aqui diante de nós, agora? Qual deles discordaria de nossas ações, Drugeth?

-Nenhum, madame.

-Então todos concordamos. Fiquem aqui, gentis amigos.

Margareta Reginar sinalizou para os dois e se retirou, acompanhada por algumas camareiras impressionadas pela desenvoltura da duquesa na resolução dos problemas de Estado. Num ponto sombrio da adega, frequentado em geral apenas pelo duque e pelo senescal, Margareta recolheu moedas dentro de uma bolsa de couro. Voltou para a sala do Conselho, onde todos já retomavam o parlatório, a exceção dos dois gentis amigos.

-*Messire* Louis, aqui está.

-Deus salve o duque, Alteza.